



José Cardoso Pires

Polícias e ladrões

DIAS LOUREIRO, ministro do Interior da Ditadura Parlamentar PSD, ao menos foi coerente com o passado quando justificou na televisão a selvajaria da PSP que teve lugar em Santo Tirso.

Compreende-se: aqueles agentes vi-nham do tempo dele, faziam parte de uma Segurança tão musculada que até a corrupção (se alguma vez a corrupção foi possível na nossa Polícia ou na Guarda Republicana) metia tiro e porrada ao menor pretexto. Perante uma tradição tão sofisticada, uma querela nortenha entre arcanjos de “casse-tête” e operários mal agradecidos não representa coisíssima nenhuma. É mais uma especulação dos jornalistas, um “much ado about nothing” como diria Cavaco Silva no seu saudável humor de leitor shakespeariano.

Na verdade, o mito do polícia exemplar é de sempre. Vem da infância, faz parte do nosso universo lúdico, da galeria literária e da imagem da sociedade. Nos recreios de escola, no jogo dos “Polícias e Ladrões” (que é uma versão da luta entre o bem e o mal), a coragem e a Justiça estão com o polícia, e só mais tarde é que a vida nos denuncia que esse jogo está frequentemente viciado.

Edgar Hoover, o sinistro director da FBI, justificava os abusos dos seus agentes dizendo que o polícia eficiente tem de viver paredes-meias com o mundo do crime; e eu aqui, nesta nossa Lusitânia, conheci dezenas de “gangsters” dessa raça. Vi o célebre capitão Agostinho Lourenço a gozar o sol à varanda da PIDE e o desalmado PSP Maia Loureiro em trono de putas espanholas no velho cabaré Arcádia. Depois do 25 de Abril, assisti a interrogatórios de famosos torturadores da PIDE e do major Silva Pais, que os comandava a todos em reconhecida cristandade. Ouvi-o mentir sobre a morte do general Delgado com a mesma gravidade compungida com que um dos seus chefes de brigada descreveu o assassinato de José Dias Coelho. Vi passear-se em liberdade o guarda que matou

Depois de mortes, narcocrimes e violências várias praticadas na PSP e na GNR nestes últimos anos, porquê um alarme tão veemente em relação à banalíssima carga policial que ocorreu agora em Santo Tirso?

Muito simplesmente porque repete a imagem de um passado de mau exemplo. Porque é uma operação “à maneira antiga”, perfeitamente coerente com o Ministro do Interior Dias Loureiro mas inadequada ao Ministro da Administração Interna Alberto Costa; e, finalmente, porque suscita o temor de que a Segurança Pública continue sacralizada “manu militari” para além dos Direitos e da Democracia.

um jovem manifestante no Rossio e li ainda há meses, nos jornais, mentiras estupidamente contraditórias de responsáveis da Segurança em defesa de um agente homicida. Polícias duma tradição totalitarista, quem, depois do repugnante capitão Maltez, os instruiu no desprezo pelos direitos dos cidadãos?

Daí, uma pergunta: é desses chefes da Ordem, complexados muitos deles, por uma imagem social de isolamento e por um “espírito de corpo” comprometido, que se pode esperar isenção nas reclamações que lhes forem apresentadas contra os abusos dos seus homens? Oficialmente, em nove anos de polícia cavaquista, houve 4.654 cidadãos que o ousaram fazer, mas as reservas com que a opinião colectiva encara a eficácia desse direito levam a considerar este número muito abaixo das violações ocorridas.

Depois de mortes, narcocrimes e violências várias praticadas na PSP e na GNR nestes últimos anos, porquê um

alarme tão veemente em relação à banalíssima carga policial que ocorreu agora em Santo Tirso?

Muito simplesmente porque repete a imagem de um passado de mau exemplo. Porque é uma operação “à maneira antiga”, perfeitamente coerente com o Ministro do Interior Dias Loureiro mas inadequada ao Ministro da Administração Interna Alberto Costa; e, finalmente, porque suscita o temor de que a Segurança Pública continue sacralizada “manu militari” para além dos Direitos e da Democracia.

Interessa, por isso, repetir que o “raid” de Santo Tirso e os agentes que o executaram não vieram destes breves meses de Governo, mas da filosofia de segurança que caracterizou a democracia prognata de Cavaco Silva. E lembrar que os políticos do PSD que, por moral de oposição, apareceram a condenar em público esta agressão da PSP são os mesmos que, na Assembleia da República, procuram manter a todo o custo essa mesma Polícia nas suas estruturas mais absolutistas.

Sabe-se: Cavaco, xeque do oásis, deixou o país armadilhado. Enquanto que, nos últimos meses de Governo, nomeou de urgência milhares dos seus “golden boys” para uns certos lugares apetecíveis, deixou à beira da falência um número de empresas cada dia mais assustador. É uma herança de confrontos laborais a pesar na alma colectiva e na angústia dos trabalhadores; mas com isso podem bem a GNR e a PSP, que se vão fartar de fazer o gosto ao dedo com bastonadas pedagógicas.

A menos que o Ministro e o Inspector-geral da Administração Interna não percarn mais um segundo e depressa, depressa e sem olhar a continências, reabilitem as Polícias aos olhos da consciência cívica. ●